

SIGNO SIGNO SIGNO SIGNO SIGNO SIGNO SIGNO SIGNO SIGNO

PAIS CONTADORES DE HISTÓRIAS, FILHOS FUTUROS LEITORES

Ana Paula Rigatti Scherer¹

RESUMO

O presente trabalho apresenta uma proposta de contação de histórias entre pais e filhos inseridas em escolas infantis da rede pública. Embasando-se no que diz McGuinness (2006), de que os pais podem fazer a diferença no aparato linguístico de seus filhos, o trabalho justifica-se pelo fato de que a contação de histórias entre pais e filhos pode, além de proporcionar o desenvolvimento de habilidades lingüísticas importantes para a fala, escrita e a leitura, oferecer um ambiente de letramento, pouco vivenciado por crianças menos favorecidas socialmente. O trabalho ocorreu em duas escolas de educação infantil com crianças de 3 a 5 anos. Foram realizados encontros com os pais das escolas explicando a importância do projeto. Após foram distribuídas “sacolas de leitura” às turmas contendo livros de literatura para serem lidos às crianças e/ou manuseados por elas, juntamente de revistas para os pais. Após todas as crianças terem levado a sacola para casa, foram realizadas entrevistas com os pais para saber da opinião dos mesmos a respeito do projeto. Conforme resposta dos pais, a atividade de contação de histórias foi positiva, oferecendo benefícios tanto afetivos, como lingüísticos para a criança, e para tanto, deve continuar como hábito familiar.

Palavras-chave: Contação. Família. Letramento. Linguagem.

INTRODUÇÃO

Contar histórias é a mais antiga das artes, sendo que o hábito de ouvi-las e de contá-las tem inúmeros significados, estando interligado ao desenvolvimento da imaginação, à capacidade de ouvir o outro e de se expressar, à construção de identidade e aos cuidados afetivos (Mainardes, 2008). Assim acontecia em muitas

casas: as histórias eram contadas com a agradável voz de mães, pais e avós; as crianças e jovens aprendiam com as histórias vividas e contadas por eles, que compartilhavam suas experiências com a coletividade.

No entanto os tempos e os costumes mudaram e atualmente poucas famílias têm o hábito de contar histórias para as crianças na hora de dormir. Essa atividade foi dando lugar a outros interesses, como a televisão, o vídeo game e o computador. Porém, o fascínio que as histórias exercem sobre o homem não mudou, pois quando se conta uma história lança-se um fio invisível que vai enredando o narrador ao ouvinte, pelas tênues tramas da narração (Mainardes, 2008).

Para as crianças que frequentam escolas de educação infantil, esse fascínio continua presente, pois muitos professores cultivam este hábito em sala de aula oportunizando momentos de interação comunicativa e fantasia. No entanto essas oportunidades de interação comunicativa pouco ocorrem nas famílias, que poderiam, com maior peso afetivo, tornar esses momentos significativos para a criança. Significativos, pois além das habilidades lingüísticas desenvolvidas, seriam realizados entre pessoas ligadas afetivamente à criança.

Este trabalho justifica-se pelo fato de que a contação de histórias entre pais e filhos pode, além de proporcionar o desenvolvimento de habilidades lingüísticas importantes para a fala, escrita e a leitura, oferecer um ambiente de letramento, pouco vivenciado por crianças menos favorecidas socialmente. Além disso, considera-se importante que tudo isso ocorra no ambiente familiar, onde a presença de afeto pode fortificar essa aprendizagem.

Embasando-se no que diz McGuinness (2006), de que os pais podem fazer a diferença no aparato lingüístico de seus filhos, o presente trabalho apresenta uma proposta de contação de histórias entre pais e filhos, proporcionando o desenvolvimento da linguagem e a formação leitora das crianças.

1 LINGUAGEM E INTERAÇÃO NA INFÂNCIA

É no período da educação infantil que a criança está percorrendo o complexo caminho do desenvolvimento da linguagem. Entre os 4 meses e 5 anos

de vida a criança desenvolve a linguagem nas áreas fonológica, morfológica, sintática, semântica e pragmática. Para pais e escola, acompanhar este processo parece ser ao mesmo tempo interessante e desafiador.

Como refere Massini-Cagliari (2001) não é necessário ensinar ninguém a falar. A aquisição da linguagem oral ocorre de forma natural, bastando, para isto, colocar a criança em contato com falantes de uma língua. Desta forma, a criança adquire a fala/linguagem entre seus pares, estando no lar ou na escola. Ambos os ambientes tem o compromisso de oferecer oportunidades de comunicação à criança, por meio da interação comunicativa.

Para Vygotsky (1984) é pela interação entre os indivíduos que ocorre o compartilhamento dos sistemas simbólicos, particularmente da linguagem. Esta partilha permite que haja interpretações sobre os objetos, eventos e situações da vida real. Para o autor não basta que o indivíduo simplesmente manifeste suas necessidades, sentimentos e idéias, é preciso que ele se utilize de signos compreensíveis por outras pessoas. Esta construção simbólica vai desenvolvendo-se ao longo das experiências da criança com o mundo e com os outros, e se fortalece na medida em que surgem mais e mais possibilidades de troca comunicativa.

Segundo McGuinness, “uma criança não pode depender apenas de suas capacidades biológicas para aprender uma língua. Ela precisa ouvir essa língua ser falada. Sem interação e o fluxo verbal com os pais, o desenvolvimento lingüístico não segue seu curso normal e pode até ser interrompido.” (2006, p. 9).

Na escola infantil os momentos de integração e comunicação fazem parte da rotina escolar, porém na família, nem sempre freqüentes. É necessário que a linguagem seja valorizada no seio familiar, pois é lá que a criança convive nos primeiros anos de vida. Conforme McGuinness (op. cit) todos os indícios mostram que o desenvolvimento da uma boa capacidade linguística desenvolve-se durante os primeiros anos de vida, e que os pais podem ter um impacto positivo nesse desenvolvimento e na capacidade de comunicação da criança de maneiras muito específicas.

A mesma autora argumenta, ainda, que os genes podem exercer um papel importante no desenvolvimento lingüístico, na precisão gramatical, no vocabulário

e na memória, mas estão longe de constituir toda a história. Os pais é que podem fazer a diferença no como e no quanto falam e lêem para seus filhos, desde muito cedo. As crianças nunca são passivas em relação à comunicação e à língua, elas já começam a processar o discurso no ventre da mãe. Quando bebês, já se esforçam para envolver os pais em seus jogos e atividades que os tornarão usuários mais sofisticados de sua língua, sendo a chave para se tornarem excelentes leitores.

2 LINGUAGEM E INTERAÇÃO NA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

Sendo a linguagem uma aquisição natural, não é necessário haver um ensino sistemático para que ela ocorra. No entanto, preocupar-se com este processo e poder torná-lo ainda mais significativo é de grande importância. No item 3.1 foi citado que é necessário que a família e a escola ofereçam oportunidades comunicativas à criança para que o desenvolvimento da linguagem ocorra com maior qualidade e que a escola contemple a criança com estes momentos. No entanto, nem sempre a família faz o mesmo.

Na família, uma das atividades mais importantes que pode ser realizada é a contação de histórias entre pais e filhos. Quando a criança ouve uma história ela descobre o universo da leitura pela voz, plena de entonação e significação, fortalecendo laços de confiança e identificação. Essa relação afetiva faz frutificar capacidades cognitivas e lingüísticas (Morais, 1996).

O ato de contar e ler histórias favorece o desenvolvimento verbal, cultural e afetivo da criança, bem como sua consciência linguística, pela diversidade e experiências com diferentes tipos de sons e significados das palavras contidas nos diferentes textos escritos, que se tornam objeto de atenção. (Wolff, 2008, p.18).

Dessa forma, vê-se que os benefícios da contação de histórias são diversos e vão desde o fortalecimento dos laços afetivos entre pais e filhos, passando pelo desenvolvimento da fala e linguagem, até a formação leitora da criança.

2.1 Importância para a fala e linguagem

Como já citado anteriormente, é no período da educação infantil que o processo de aquisição da linguagem está em pleno desenvolvimento. É neste período que ocorre o domínio de diversas estruturas lingüísticas.

Para Golbert (1988) três aspectos são considerados para que ocorram diferenças no grau e forma no domínio destas estruturas: uma *base orgânica sadia*, para produção e recepção da linguagem; a qualidade e coerência da *estimulação lingüística* na *interação com o adulto* e a *cognição* que permite que a criança compreenda e interprete a fala fazendo antecipações com base no seu conhecimento de mundo. Assim, a aquisição da linguagem consiste em descobrir expressões lingüísticas para significados já elaborados, que tomam sentido na interação.

E é na estimulação lingüística durante a interação com o adulto que a prática da leitura e da contação de histórias pode ser uma importante oportunidade de experiências verbais que estimulam a comunicação e alimentam a capacidade lingüística da criança.

A contação de histórias pode e deve iniciar muito cedo na família. McGuinness diz que a formação do leitor ocorre desde o berço, ou até mesmo desde o ventre de sua mãe (2006). Para ser um bom leitor, a criança precisa ser um bom ouvinte; ela não poderá entender o que lê melhor do que ela entende o que ouve. Dessa forma, deverá desenvolver muito bem sua capacidade lingüística para ser um bom leitor, ter uma boa linguagem.

Para Nagy e Herman (1988) a leitura de histórias é uma ocasião potencialmente rica para o desenvolvimento do vocabulário da criança, em virtude de que as histórias oferecem pistas contextuais que ajudam a decifrar o sentido de palavras desconhecidas. Estas pistas são oferecidas à criança, somadas às ilustrações dos livros, da entonação, expressão facial e gestos, oferecidas pelo leitor. Dessa forma, a criança é capaz de aprender palavras novas com a ajuda de um contexto que favorece essa aprendizagem.

No estudo de Wells (1986) a freqüência com que as crianças escutavam histórias aos 5 anos de idade correlacionou-se significativamente com a extensão

do vocabulário das mesmas até os 10 anos. Wolff (2008) encontrou correlação positiva entre o grau de desenvolvimento da consciência fonológica de crianças pré-escolares e o seu desempenho em tarefas de compreensão de histórias ouvida.

Verifica-se que não só o vocabulário pode beneficiar-se na contação de histórias, mas também aspectos da consciência fonológica que se relacionam diretamente com a discriminação auditiva da criança. Existe, portanto, relação entre a discriminação auditiva e a compreensão de histórias. Zorzi e Hage (2004) referem que inicialmente é a entonação do leitor é o facilitador para a compreensão da história, ocorrendo de forma holística nas frases e palavras. Mais tarde, as crianças vão acrescentando palavras ao seu vocabulário e substituem a estratégia de compreensão baseada no contorno da palavra pela diferenciação de segmentos menores que constituem as mesmas, formando representações dos segmentos abstratos subjacentes na memória de longo prazo.

Assim, para realizar a compreensão de uma história a criança é desafiada a desenvolver seu vocabulário, consciência fonológica e discriminação auditiva, pois necessita transformar a fase inicial de compreensão – entonação - para uma fase posterior de compreensão, a diferenciação dos segmentos menores da fala.

Mas é claro que a compreensão não pode ser reduzida apenas ao entendimento de palavras isoladas ou à tomada das expressões como um somatório de palavras. Para Luria (1987) a palavra é considerada a unidade de linguagem, mas a frase é a unidade da língua viva. Ela é a expressão de um pensamento, de um julgamento determinado. Para o autor compreender é buscar sentido, pois “já nas primeiras etapas da percepção da comunicação surgem hipóteses ou suposições sobre o sentido da comunicação” (p.174).

Desta forma, a contação de história entre pais e filhos apresenta-se como uma excelente oportunidade para o desenvolvimento das capacidades linguísticas da criança. Por meio da interação com os pais a criança envolve-se num repertório comunicativo único e rico, pois além de ocorrer o enriquecimento em várias áreas, a contação de histórias é realizada no meio familiar, onde laços de afeto podem marcar este momento.

2.2 Importância para a formação do leitor

A contação de histórias não só tem um importante papel na fala e na linguagem da criança, ela oferece um verdadeiro “mar de oportunidades” para a aprendizagem da leitura e da escrita.

Pode-se pensar, talvez, que a leitura e a escrita sejam outros processos que não dependem da fala/linguagem. McGuinness (2006) refere que o leitor nunca abandona seu papel de ouvinte, ele continua tendo que desvendar o que o falante (escritor) deseja dizer. Desta forma, quanto mais a criança desenvolve a habilidade de ouvir e descobrir o que deseja o escritor, melhor aprimora sua capacidade de, mais tarde, compreender um texto escrito.

Outro aspecto importante, citado por Morais (1996), é que a leitura ou contação de histórias torna possível o encontro entre linguagem falada e escrita. O autor justifica isso pontuando a) a existência entre fronteiras entre palavras, que podem ser diferentes na fala e na escrita; b) a relação entre o comprimento da palavra falada e a palavra escrita; c) a observação da recorrência das letras e sons; d) a verificação da correspondência letra-som; e) a significação dos sinais de pontuação; f) o aumento e estruturação do repertório de palavras e g) o desenvolvimento de estruturas e regras de coesão discursiva próprias da escrita.

Durante a contação de histórias é possível que a criança possa estabelecer semelhanças e diferenças entre fala e escrita e entenda as peculiaridades que envolvem estes dois sistemas. Entender essas peculiaridades será fundamental na aprendizagem da leitura e da escrita.

Além disso, Cagliari (2001) afirma que a compreensão do texto escrito é tão relativa, fácil ou difícil quanto à compreensão oral do mesmo. A consciência linguística fornecida pela linguagem oral permitirá, por exemplo, que a criança aprenda as segmentações do contínuo da fala em partes menores, como as palavras e as sílabas, e, em determinado momento no *continuum* da conscientização fonológica, dos fonemas. Essa última, imprescindível para a realização da conversão grafema-fonema durante a leitura e da relação fonema-grafema, durante a escrita.

Abramovich (1989, p. 16) salienta que “é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descobertas e de compreensão do mundo”.

Além de todos os benefícios vistos acima com respeito à contação de histórias, vê-se também a forte influência exercida pelos pais e/ou cuidadores quanto ao ingresso das crianças no mundo do letramento. Crianças que vivem em contextos ricos em letramento mostram-se muito mais suscetíveis à aprendizagem da leitura e da escrita (Blanco-Dutra e cols, 2009).

Enfim, ouvir histórias possibilita a criança desenvolver suas habilidades linguísticas importantes para a fala/linguagem, leitura e escrita. Além disso, permite que os laços afetivos se fortaleçam e que os momentos em família tornem-se saudáveis e prazerosos. Para os pais, a contação de histórias pode ser um momento ímpar de participação no desenvolvimento dos filhos e uma oportunidade de interação e diálogo.

3 METODOLOGIA

O trabalho foi desenvolvido em duas escolas de educação infantil da rede pública de um município de Guaíba-RS. Foram envolvidos os alunos das turmas de maternal e jardim (crianças de 3 à 5 anos), os pais ou responsáveis desses alunos, os professores e a equipe diretiva das escolas.

A amostra da pesquisa foi formada a partir das respostas do questionário entregue aos pais ao final do período do projeto.

Para a realização do trabalho foram utilizados os seguintes instrumentos:

- a) “Sacolas de leitura” – cada turma possuía a sua sacola e dentro de cada uma constavam três livros de literatura infantil e uma revista de entretenimento para os pais. O material foi doado pela escola e pesquisadora.

- b) Questionário para os pais – foi entregue aos pais ao final dos quatro meses de andamento do projeto, isto é, após todos os alunos terem levado a sacola para casa (Anexo).

O trabalho foi desenvolvido em quatro etapas:

1ª Etapa - Encontro com os pais para conversa/palestra

Primeiramente foi realizada uma conversa/palestra com os pais a respeito da importância da contação de história nos primeiros anos de vida da criança para o desenvolvimento da linguagem e formação leitora. Também foi salientado que o momento de contação de história pode ser fundamental na relação entre pais e filhos, já que as famílias pouco têm tempo para se encontrar. Foi proposto, então, aos pais, o projeto: “pais contadores de histórias, filhos futuros leitores”, onde os filhos levarão para casa algum dia da semana, uma ‘sacola de leitura’ com alguns livros de literatura que poderão ser lidos ou contados para os filhos.

2ª Etapa - Entrega das sacolas às turmas

Após o encontro de pais foi entregue às turmas as “sacolas de leitura” e explicado às crianças a dinâmica do trabalho, juntamente com a professora titular.

3ª Etapa - Andamento do projeto: as ‘sacolas de leitura’ na casa das crianças

Para a organização do trabalho, a professora elaborou um cronograma que contemplasse todos os alunos, onde cada um ficaria com a sacola durante 24 horas. Neste período os pais e criança puderam manusear os livros, contar as histórias, conversar sobre elas.

4ª Etapa - Preenchimento do questionário e análise das respostas

Os pais das crianças receberam um questionário (anexo) sobre as experiências vivenciadas com o projeto. Os pais levaram o questionário para casa e após terem respondido, devolveram à direção da escola para que esta repassasse à pesquisadora. Com os questionários em mãos, foi realizada uma análise qualitativa das respostas.

4 RESULTADOS

Para a explanação dos resultados deste artigo, tomaram-se apenas as perguntas mais importantes do questionário (anexo). Das duas escolas, foram devolvidos 20 questionários, envolvendo em torno de 50% dos alunos de cada escola. Abaixo, seguem as nove perguntas selecionadas, sendo que sete com as respectivas respostas em percentagem e outras duas com as respostas subjetivas dadas pelos pais.

Pergunta 1: Como foi a experiência de contar histórias?

Respostas:

- Muito boa: 80%
- Boa: 20%
- Não deu certo: 0%
- Não gostei: 0%
- Meu filho não gostou: 0%

Pergunta 2: Você vai continuar contando histórias?

Respostas:

- Sim: 95%
- Não: 5%

Pergunta 3: O que você acha que mudou em casa com a contação de histórias?

Respostas:

- Houve mudança: 75%
- Não houve mudança, pois já contavam: 10%
- Não houve mudança: 15%

Pergunta 4: Que mudanças foram essas?

Respostas (de acordo com a fala dos pais, na íntegra):

- “Melhorou muitas coisas, ajudou na leitura dos irmãos porque peço para cada um ler um dos livros e todos se divertem muito e aprendem.”
- “Mais comunicação.”
- “Ele ficou contente e pede pra mim ler outros livros pra ele.”

“Ele se interessou mais por livros e cadernos e escreve algumas palavras.”

“Ele está mais falante e a timidez não está tão frequente.”

“Ele agora pede mais que eu leia histórias para ele e agora tenho esse tempo a mais para nós conversarmos.”

“Na verdade já conhece bastante histórias, pois aqui em casa toda noite lemos historinhas antes de dormir. Com a sacola foi uma novidade diferente.”

“Ele presta muita atenção e gosta , fica mais calmo.”

“Tiro um tempo para ler com ele.”

“Aproximação da família.”

“Mais contato com meus filhos.”

“Descobri que meu filho está crescendo (não é mais bebê) e presta atenção, tem interesse.”

“Mudou muito, ele começou a contar com a imaginação dele.”

“Ele gostou, eu contei, depois ele contou do jeito dele conforme as ilustrações das páginas.”

Pergunta 5: O que você acha que mudou em relação ao seu filho?

Respostas:

Houve mudança: 80%

Não houve mudança: 20%

Pergunta 6: Que mudanças foram essas?

Respostas (de acordo com a fala dos pais, na íntegra):

“Interesse maior em saber o que está escrito, quem fez a história e o porquê das coisas.”

“Adora quando conto histórias.”

“Mais interesse para aprender.”

“Dá pra notar que ele está usando mais a imaginação dele.”

“Interesse pela leitura.”

“Mais fascínio por histórias.”

“Pede para contar as histórias.”

“Está sempre com os livros na mão.”

“A gente se aproxima.”

“Falam mais, ficam perguntando perguntas e mais perguntas e também vai crescendo o seu mundo por dentro deles, vêem as coisas de outro jeito.”

“Ele gostou muito, era só sobre isto que ele falava.”

“Quando ele vê um livro ele quer que contemos para ele, início, meio e fim.”

“A partir do dia que li mostrei figuras hoje ele pega alguns livros e vem me contar baseado nas figuras.”

“Ele está mais calmo”.

Pergunta 7: Seu filho mostrou-se interessado em ler livros?

Respostas:

Sim: 100%

Não: 0%

Pergunta 8: Seu filho mostrou-se interessado em contar histórias?

Respostas:

Sim: 95%

Não: 5%

Pergunta 9: Você colaboraria com a criação da biblioteca na escola de seu filho?

Respostas:

Sim: 100%

Não: 0%

Estas foram as perguntas e os percentuais das respostas dos pais. A seguir segue a discussão destes resultados confrontados com a literatura.

DISCUSSÃO

A discussão dos resultados foi dividida em duas partes: na primeira parte, discute as respostas das perguntas objetivas (perguntas 1, 2, 3, 5, 7, 8 e 9) e na segunda, discute as respostas subjetivas dos pais (perguntas 4 e 6). As respostas das perguntas 4 e 6 foram discutidas com base nas questões teóricas desenvolvidas no início do artigo: a importância da contação de histórias para a interação, para a fala e linguagem e para a formação do leitor.

No que tange as perguntas objetivas, verificou-se que os pais, em grande maioria, aprovaram a experiência da leitura e contação de histórias, percebendo mudanças significativas no ambiente familiar, tanto no comportamento da criança, como na relação entre ela, pais e irmãos. Além disso, referiram que pretendem continuar com este hábito em casa e que apoiariam a criação de uma biblioteca na escola.

Já no que se refere às perguntas subjetivas, o primeiro ponto a se discutir é sobre a relação entre a interação e a contação de histórias, observando que esse fato ocorre em várias falas dos pais. Como exemplos, vê-se nas seguintes falas: “Tiro um tempo para ler com ele”; “Aproximação da família”; “Mais contato com meus filhos”; “A gente se aproxima.”

Wolff (2008) refere que o ato de contar e ler histórias favorece o desenvolvimento verbal, cultural e afetivo da criança. Com certeza, por estas falas, os pais mostraram o quão importante foi a contação e leitura de histórias com os filhos.

Com relação ao outro ponto, sobre a importância da contação de histórias para a fala e linguagem da criança, verificaram-se novamente várias falas dos pais confirmando esse fato. Como exemplo vê-se as seguintes: “Mais comunicação”; “Ele está mais falante e a timidez não está tão frequente”; “Falam mais, ficam perguntando perguntas e mais perguntas (...)”; “A partir do dia que li e mostrei figuras, hoje ele pega alguns livros e vem me contar baseado nas figuras.”

Corroborando a isso Nagy e Herman (1988) dizem que a criança é capaz de aprender palavras novas durante a leitura de histórias e que essa é uma

ocasião potencialmente rica para o desenvolvimento do vocabulário da criança, em virtude de que as histórias oferecem pistas contextuais que ajudam a decifrar o sentido de palavras desconhecidas. Dessa forma, o momento da contação e/ou leitura de histórias é fundamental para o desenvolvimento da fala e da linguagem, pois além de auxiliar na ampliação do vocabulário da criança, possibilita a troca comunicativa, o diálogo e a percepção da fala do outro.

Sobre o último ponto, a importância da leitura e contação de histórias para formação do leitor, também observa-se na fala dos pais, ocorrências que confirmam essa relação. Como exemplos, citam-se as seguintes falas: “(...) ajudou na leitura dos irmãos porque peço para cada um ler um dos livros e todos se divertem muito e aprendem”; “Ele se interessou mais por livros e cadernos e escreve algumas palavras.” “Interesse maior em saber o que está escrito, quem fez a história e o porquê das coisas”; “Adora quando conto histórias”; “Mais interesse para aprender”; “Está sempre com os livros na mão”. Percebe-se com essas falas, que o interesse pela leitura e escrita aumentou consideravelmente em muitas famílias. O letramento, que por vezes é mais empobrecido em famílias de menor nível socio-cultural, mostra-se mais valorizado e sendo vivenciado no dia-a-dia das crianças. Como refere Abramovich (1989) é importante que a criança ouça histórias pois pode ser o início da aprendizagem para ser leitor, pois se tem um caminho absolutamente infinito de descobertas e de compreensão do mundo”.

Blanco-Dutra e cols. (2009) também salienta sobre a importância do contato das crianças com o letramento, pois estas mostram-se muito mais suscetíveis à aprendizagem da leitura e da escrita.

Enfim, de acordo com as respostas subjetivas dos pais, foi de consenso que a contação de histórias despertou nas crianças o desejo pela leitura e o contato com o mundo escrito. O fato de contar e ler histórias possibilitou o acesso das crianças ao letramento, que pouco poderia ser vivenciado em famílias deste nível sócio-cultural.

CONCLUSÃO

O trabalho com a leitura e/ou contação de histórias nessas famílias representou, segundo respostas dos pais, momentos únicos de interação, afetividade e comunicação. Crianças de escolas de educação infantil de bairros considerados de baixo nível sócio-cultural, não têm tantas oportunidades de acesso ao letramento, quanto outras, que convivem com pais que lêem diariamente e utilizam a escrita no seu cotidiano. A oportunidade de ouvir histórias dos pais e de interagir com eles proporcionou o acesso ao letramento, a oportunidades de interação comunicativa e um maior contato afetivo com seus cuidadores. Essa experiência continuará acontecendo nas escolas e culminará com a criação da biblioteca da escola para que continue havendo trocas e empréstimos de livros entre escola e famílias.

PARENTS WHO TELL STORIES, KIDS WHO READ IN THE FUTURE

ABSTRACT

This paper presents a story telling proposal between parents and children in public kinder garden schools. Based on McGuinness (2006), that says that parents can make a difference on their children linguistic apparatus, this research justifies that story telling between parents and children may improve the development of important linguistic skills for speaking, writing and reading and it may also offer an environment of literacy, which few children from poor social classes have. This project was held in two public kinder garden schools with children between 3 and 5 years old. Parents were invited for meetings where the importance of the project was presented. "Reading Bags" were distributed. Each bag contained books for the children and magazines for the parents. The children took the bags home in turns. After all children took them home, parents were interviewed to evaluate the project. According to parents the activity was positive and offered linguistic and affective benefits, and as such should keep on as a family habit.

Keywords: Storytelling. Family. Literacy. Language.

NOTA

¹ Fonoaudióloga, Doutora em Letras

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura infantil: Gosturas e bobices*. São Paulo: Scipione, 1989.

GOLBERT, C. S. *A evolução psicolingüística e suas implicações na alfabetização: teoria – avaliação – reflexões*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

LURIA, A. R. *Pensamento e linguagem – as últimas conferências de Luria*. Trad. Diana Myriam Lichstenstein e Mário Corso. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

MAINARDES, R. M. *A arte de contar histórias: uma estratégia para a formação de leitores* (2008). Artigo postado em: www.diaadiaeducacao.pr.gov.br. Acesso em 30 de maio de 2011.

MASSINI-CAGLIARI, G. *O texto na alfabetização*. 2001.

MCGUINNESS, D. *Cultivando um leitor desde o berço*. Rio de Janeiro: Record, 2006

MORAIS, J. *A arte de ler*. São Paulo: UNESP, 1996.

NAGY, W. P.; HERMAN, P. A. Breadth and depth of vocabulary knowledge: Implications for acquisition and instruction. In: Mckeown, M. G. E.; Curtis, M. E. (Orgs.), *The nature of vocabulary acquisition*. Hillsdale, New Jersey: Lawrence Erlbaum, pp. 19-35, 1988.

BLANCO-DUTRA, A.P. e cols. Consciência fonológica e aquisição de língua materna IN: LAMPRECHT, R. e cols. *Consciência dos sons da língua*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

WELLS, G. *The meaning makers. Children learning language and using language to learn*. 5 ed. New Hampshire: Heinemann Portsmouth, 1986.

WOLFF, C. L. **Compreensão de história e consciência fonológica de crianças pré-escolares**. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Curso de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul, 2008.

ZORZI, Jaime Luiz; HAGE, Simone Rocha de Vasconcellos. **PROC – Protocolo de observação comportamental**. São José dos Campos: Pulso, 2004.

ANEXO

Questionário sobre a sacola de livros

Nome da criança: _____

- 1) Você contou histórias para seu filho utilizando o material da sacola?
 sim não
- 2) Se sim, quantas vezes na semana você contou histórias?
 todos os dias três vezes por semana
 duas vezes por semana uma vez por semana
- 3) Como foi a experiência de contar histórias?
 muito boa boa
 não deu certo não gostei
 meu filho não gostou
- 4) Para contar histórias, você:
 utilizou livros
 contou histórias que conhece sem livros
 contou histórias inventadas sem livros
- 5) Você vai continuar contando histórias?
 sim não
- 6) O que você acha que mudou em casa com a contação de histórias?
- 7) O que você acha que mudou em relação ao seu filho com a contação de histórias?
- 8) Seu filho mostrou-se interessado em ler os livros?
 sim não
- 9) Seu filho também se mostrou interessado em contar as histórias?
 sim não
- 10) Você colaboraria com a criação de uma biblioteca na escola de seu filho?
 sim não

*Recebido: 29 de novembro de 2011
Aprovado: 12 de dezembro de 2011
Contato: anafono@pop.com.br*